

**Michel Goulart da Silva**

Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou pós-doutorado nos programas de pós-graduação em Educação e em História da Universidade do estado de Santa Catarina (UDESC). Atua no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (IFC).

Email: [michelgoulart@yahoo.com.br](mailto:michelgoulart@yahoo.com.br).

## BUFFY E AS REPRESENTAÇÕES DA MULHER

**Resumo:** Neste ensaio discute-se as representações da mulher na série Buffy, produzida entre 1997 e 2003. Procura-se mostrar os elementos políticos relacionados ao feminismo e a uma política progressista que permearam as diversas temporadas série. Discute-se também as particularidades de algumas das personagens femininas representadas na série. Para tanto, são analisados alguns arcos narrativos da série e, também, elementos biográficos de algumas de suas personagens.

**Palavras-chaves:** Buffy; Séries; Representações; Mulher.

## *BUFFY AND THE REPRESENTATIONS OF WOMEN*

**Abstract:** This essay discusses the representations of women in the series Buffy, produced between 1997 and 2003. It seeks to show the political elements related to feminism and a progressive policy that permeated the various seasons of the series. The particularities of some of the female characters represented in the series are also discussed. For that, some narrative arcs of the series are analyzed, as well as biographical elements of some of its characters.

**Keywords:** Buffy; Series; Representations; Woman.



## 1. INTRODUÇÃO

Em maio de 2003, foi exibido o último episódio da série Buffy. Passados tantos anos desde sua estreia, Buffy tornou-se um importante marco na representação das heroínas do cinema e da televisão. Buffy Summers liderou, ao longo de sete temporadas, um grupo de jovens que lutavam contra vampiros, bruxas, lobisomens, demônios e até mesmo monstros criados em laboratório. O desenrolar da série levaria Buffy de um embate solitário contra forças do Mal até a organização coletiva de garotas que tinham como objetivo lutar contra a opressão e a misoginia. Embora não se possa encontrar uma relação direta entre Buffy e a ascensão do movimento feminista nas últimas décadas, certamente muitos dos exemplos expressos na série inspiraram, direta ou indiretamente, as mulheres que vem se colocando em luta contra a opressão.

Nos cerca de vinte anos passados desde o final da série, observam-se mudanças nas representações e na política relacionada aos programas de televisão e, também, no que se refere às mulheres. As representações são “uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros da cultura”, envolvendo “o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos” (Hall, 2016, p. 32). Entende-se aqui representação como o “processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem (amplamente definida como qualquer sistema que emprega signos, qualquer sistema significante) para produzir sentido” (Hall, 2016, p. 108).

A partir de investigações acerca das séries televisão, cabe considerar que essas produções culturais “devem ser vistas como decisivamente influenciadas por seu tempo e ao mesmo tempo alteradores de cultura vigente” (Seabra, 2016, p. 304). Nas sociedades contemporâneas, diante do enorme crescimento das mídias sociais, “os meios dominantes de informação e entretenimento são uma fonte profunda e muitas vezes não percebida de pedagogia cultural: contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que

acreditar, o que temer e desejar – e o que não” (Kellner, 2001, p. 10). Para quem pesquisa esses produtos culturais, na medida em que mantém essa relação viva com o meio em que é produzido, “os textos populares da mídia constituem um acesso privilegiado às realidades sociais de sua era; assim, a sua interpretação possibilita a compreensão daquilo que está de fato acontecendo em determinada sociedade em dado momento” (Kellner, 2001, p. 143).

Neste ensaio discute-se as representações da mulher na série Buffy, procurando mostrar os elementos políticos relacionados ao feminismo e a posições progressistas que permearam as suas diversas temporadas. A análise centra-se nas representações das mulheres e nas particularidades de algumas das personagens femininas. Para tanto, além do uso de bibliografia especializada para realizar a discussão teórica, são analisados alguns elementos de diferentes episódios da série.

## 2. AS MULHERES DE SUNNYDALE

Em Buffy narra-se a história de uma estudante de dezesseis anos que poucos anos antes havia descoberto ser parte de uma longa linhagem de “caça-vampiros” que há séculos se perpetuava. No começo da série, Buffy vai morar com a mãe em uma cidade chamada Sunnydale, localizada sobre a Boca do Inferno, uma espécie de convergência de diferentes forças sobrenaturais. Essa tarefa de lutar contra as forças do Mal era parte de uma profecia, na qual previa a cada geração a existência de uma nova caçadora. Se essa caçadora morresse, outra garota, entre várias em potencial, automaticamente seria acionada para assumir o seu lugar. Nas sete temporadas, a protagonista e seu grupo de apoiadores tiveram que enfrentar vilões do mais diversos, assumindo a perspectiva de proteger as pessoas da cidade ou mesmo, em última instância, o próprio planeta diante das diversas manifestações do Mal.

Buffy, além de enfrentar os dilemas e medos próprios da adolescência, se coloca frontalmente contra diferentes formas de opressão. Ela se diferencia da donzela quase indefesa mostrada em



muitos filmes de terror slasher e da final girl virginal das produções que dominaram o cinema de horror nas décadas de 1980 e 1990<sup>29</sup>. Em Buffy, evita-se “resumir as mulheres ao status de meras vítimas, rotulando os homens de maus ou estúpidos, ou concedendo ao princípio feminino - seja isso o que for - o status de ícone” (Hibbs, 2004, p. 63). Essa construção de uma personagem que não apenas mostra independência e coragem, mas que também incentiva e organiza outras garotas a lutar, levou a série a ser associada ao pensamento feminista. Os elementos presentes na série que corroboram essa interpretação são bastante evidentes, afinal

[...] o conteúdo feminista da luta de Buffy é muito mais profundo que o mero fato de ser uma mulher que literalmente “sai na porrada”. Diante da natureza sexual de boa parte da violência que ela enfrenta, sua missão simboliza a luta contra a violência sexual; por exemplo, o estupro. Como Caça-vampiros, é seu dever combater estranhos que se escondem nas sombras e becos escusos, ansiosos para atacar os corpos excitantes de inocentes e ingênuos seres humanos. Ela impede e pune suas tentativas de “ter”, “tomar”, “provar”, “dominar” (e assim por diante) suas “desejáveis”, “tentadoras”, “deliciosas”, “excitantes” (e assim por diante) vítimas (Marinucci, 2004, p. 78).

O protagonismo de personagens femininas é um elemento marcante em Buffy, assumindo papéis que não se limitam ao espaço doméstico ou familiar. Entre as mulheres que fazem parte do grupo, além da protagonista, o destaque é Willow, melhor amiga de Buffy e que, ao longo das temporadas, desenvolve seus poderes como bruxa. No começo da série, trata-se de uma garota tímida e inteligente, desprezada por parte dos colegas por ser considerada estranha. Contudo, depois de ser apresentada ao até então

**Figura 5:** Legenda. Fonte: (seguir as normas da ABNT).

desconhecido mundo de monstros e de outras perigosas criaturas, a futura jovem bruxa cresce em sua autonomia e coragem, se tornando não apenas uma pessoa de extrema confiança de Buffy, mas também uma poderosa guerreira.

O crescimento pessoal de Willow ocorre de forma paralela ao desenvolvimento de seus poderes como bruxa, bem como de outros aspectos, como a iniciação de sua vida sexual ou a adaptação à vida na universidade. No desabrochar de Willow, um dos aspectos mais relevantes é sua homossexualidade, sendo uma personagem bastante lembrada pelo namoro com uma outra bruxa, Tara. O casal lésbico, um dos primeiros a ser apresentado em um programa de televisão voltado ao público juvenil, acabou ganhando muitos admiradores, tendo sido marcante e inclusive bastante criticado o fim da relação, na sexta temporada, com o assassinato de Tara. Essa morte traumática se tornou um dos acontecimentos mais importantes da temporada, por conta do sofrimento causado a Willow e da forma como reagiu à perda da companheira.

Outra personagem feminina que também acabou se destacando ao longo da série foi Joyce, mãe de Buffy, divorciada, que cria sozinha uma adolescente que inicialmente julga ser uma garota problemática. Buffy não apenas respeita a mãe, como a admira por sua independência e coragem, sendo sua morte um dos momentos mais marcantes e tristes na vida da protagonista. Embora vivendo em um lugar tão perigoso como a Boca do Inferno, Joyce não morreu pelas mãos das criaturas que habitam o lugar, mas de uma doença, sendo explorado o sentimento de impotência de Buffy. O episódio *The Body*, exibido na quinta temporada, além de ser considerado um dos melhores da série, conta com uma

<sup>29</sup> O termo slasher se refere ao conjunto de produções que dominaram o cinema de horror entre o final da década de 1970 e boa parte da década de 1990. No geral, trata-se de histórias em que um misterioso assassino persegue jovens, muitas vezes em uma cabana ou acampamento distante. Na maior parte desses filmes, sobressai uma personagem feminina, a final girl,

que, depois de toda a perseguição pela qual passa ao longo do filme e de ver os colegas e amigos serem mortos, consegue superar o assassino misterioso. São produto do terror slashers franquias como *Sexta-feira 13*, *Massacre da serra elétrica* e *Halloween*. A franquia *Pânico* foi concebida como uma reflexão irônica e metalinguística do terror slasher



das mais marcantes atuações de Sarah Michelle Gellar<sup>30</sup>.

Outra personagem bastante destacada, embora tenha deixado a série a partir da quarta temporada, foi Cordélia, a garota mais popular e bonita da escola, jovem arrogante e esnobe. Ela acaba por se envolver com o grupo de “esquitos” liderados por Buffy. Na paulatina construção da personagem descobre-se que ela não era assim tão diferente do grupo de Buffy, tendo problemas e sofrimentos concretos que buscava esconder por meio da personagem que criou. Cordélia acabou deixando a série para assumir papel de destaque no spin-off de Buffy, a série *Angel*.

Anya é outra mulher que se destaca na série: um demônio com séculos de vida, cuja tarefa era realizar os desejos de vingança de mulheres contra homens que lhes causaram sofrimento, e que acabou se envolvendo com o grupo de Buffy depois que perdeu seus poderes. Outra personagem importante é Faith, embora tenha menos aparições que as demais, uma segunda caçadora acionada depois da morte (e ressurreição) da protagonista, na maior parte do tempo uma antagonista de Buffy. O que a protagonista tem de bondade e altruísmo, Faith acabou acumulando em raiva e inveja, buscando inclusive assumir o posto de Buffy.

Mesmo alguns dos vilões são mulheres admiráveis. No episódio piloto rapidamente apresenta-se a vampira Darla que, apesar de sua submissão ao Mestre, mostra muito mais personalidade do que os seguidores homens do grande vilão da primeira temporada. Em episódios posteriores o espectador é apresentado à atormentada Drusila, que usa de artifícios e sedução para manipular os vampiros homens, em especial *Angel* e *Spike*. Na quinta temporada destaca-se a cruel e sensual Glory, um demônio com séculos de vida, preso no corpo de uma bela mulher, que mantém seus seguidores numa relação de completa

submissão. Uma das questões interessantes envolvendo Glory é o fato de viver uma espécie de crise de identidade com seu “irmão”, com quem compartilha o mesmo corpo, numa clara reflexão sobre identidade de gênero.

Na possível aproximação com as ideias feministas, outro fator possível de ser apontado é a luta de Buffy contra o patriarcado, que se manifesta de diferentes formas. Na “ordem patriarcal de gênero”, atribui-se “qualidades positivas aos homens e negativas, embora nem sempre, às mulheres” (Saffioti, 2015, p. 37). O patriarcado se refere “a milênios da história mais próxima, nos quais se implantou uma hierarquia entre homens e mulheres, com primazia masculina” (Saffioti, 2015, p. 145). Estabeleceu-se, com isso, uma ordem social que

[...] funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres (Bourdieu, 2002, p. 18).

Na primeira temporada da série, a representação do patriarcado é bastante óbvia, afinal Buffy enfrenta um vampiro que representa todo tipo de ideias opressoras. Esse vampiro se autodenomina Mestre e, em suas primeiras aparições, visa principalmente sugar o sangue de jovens para se fortalecer e dominar o mundo. Simbolicamente, ele precisa eliminar a vitalidade da juventude para poder se fortalecer e romper o exílio a que está submetido.

Essa luta contra o patriarcado fica mais evidente na última temporada, quando Buffy enfrenta uma manifestação imaterial do Mal. Essa encarnação do Mal assume uma feição diferente

<sup>30</sup> O referido episódio, apesar da pouca ação, em comparação ao normal da série, é um dos que possui melhor avaliação no

Internet Movie Database (IMDB). No mesmo episódio também foi exibido o primeiro beijo entre Willow e Tara.



para cada pessoa que a enxerga, mostrando sempre a imagem de pessoas mortas. Essa força poderosíssima tem como principal aliado Caleb, o padre que ao longo de vários episódios exala uma variedade de frases misóginas. Caleb dizia coisas como: “Era uma vez uma mulher. Ela era suja, como toda mulher. Pois a costela de Adão era suja, como o próprio Adão. Pois ele era só humano. Mas esta mulher estava cheia de trevas, de desespero”.

Observa-se em Buffy uma relação de tensão em relação à religião, que não se resume à representação de Caleb como um vilão. Na maior parte das temporadas a família de Buffy se resume à protagonista e à sua mãe. Os amigos que constituem o núcleo de apoio de Buffy acabam por ser uma família ampliada para a protagonista, minimizando a importância da família tradicional. Além disso, a crença cega, seja em forças sobrenaturais ou mesmo pretensamente racionais, é duramente criticada, valorizando-se sempre a compreensão objetiva e concreta dos problemas a serem enfrentados. Com isso, a série

[...] subverteu outros valores que até então eram “sólidos” para a sociedade através da valorização da “família construída” e da quebra de preconceitos sobre os casais gays. Além de criar um universo ficcional cuja metafísica não é regida por nenhuma crença institucionalizada do “mundo real”, fazendo referências à diversas religiões e a valorização das relações humanas acima dos dogmas ditados por essas crenças (Lima; Nascimento, 2014, p 13).

No seu embate contra o patriarcado, Buffy acaba se enfrentando inclusive com seus próprios aliados. Em sua guerra contra o Mal, as caçadoras contam com um mentor, que as treinam e orientam e que fazem parte de uma espécie de organização secreta que durante séculos orientavam e acompanhavam suas lutas. Essa organização, composta em sua maioria por homens, trata as caçadoras como meras armas que lhes devem obediência, com regras arbitrárias e rituais antiquados. Buffy, incomodada pelo conservadorismo dessa organização, se rebela e passa a atuar de forma autônoma.

Pode-se pensar em Buffy como uma série em que mulheres se colocam no espaço público e procuram viver da forma mais livre possível a sua vida e, inclusive, sua sexualidade, bem como enfrentando tradições machistas e estruturas de poder que pretendem oprimi-las. Esse machismo se expressa em vários momentos, como nas falas misóginas de Caleb, na última temporada, mas aparece de forma mais desenvolvida na relação de Buffy com o Conselho dos Observadores, “uma organização impessoal, autoritária, cegamente dedicada a manter suas antigas regras e tradições – daí seu poder, como Buffy acaba concluindo – intactas” (Miller, 2004). Buffy passa de uma postura passiva, em que obedece aos ditames do Conselho, se submetendo até mesmo a humilhações, a uma postura de enfrentamento em que diz claramente: “Não sou eu quem preciso de vocês, mas vocês que precisam de mim”. O Conselho de Observadores não teria razão de existir sem uma caçadora, donde se conclui que quem deveria comandar o enfrentamento com o sobrenatural não seriam burocratas dentro de um escritório, mas aquela que estava na linha de frente da luta.

Como resposta a essa opressão da sociedade, desde o primeiro episódio, se coloca como única alternativa a ação conjunta dessas garotas, contando com a ajuda de homens que se dispõem a apoiar sua luta. Essa talvez seja a principal mensagem que a série passou para a geração de jovens que viveu o início dos anos 2000. Observa-se que as séries são programas que “ajudam os espectadores a formar novas visões de mundo sempre que eles se deparam com as encruzilhadas dos personagens” (Seabra, 2016, p. 303). Nesse processo, o espectador, “tomando como ponto de partida o momento da contemplação viva, gera um processo de compreensão crítica da realidade” e, por conseguinte, “uma ação prática transformadora” (Alea, 1984, p. 48). Por isso, “as ideologias da cultura da mídia devem ser analisadas no contexto da luta social e do debate político, e não simplesmente como dispensadores de um tipo de consciência cuja falsidade é exposta e denunciada pela crítica da ideologia” (Kellner, 2001, p. 143).





Essa mensagem ganha mais densidade na última temporada, quando Buffy e seus aliados buscam unir garotas que são potenciais caçadoras (ou seja, poderiam vir a se tornar caçadoras caso uma falecesse). Essas garotas são treinadas para o combate e temperadas em batalhas que vão sendo travadas, se preparando para a luta final contra o poderoso Primeiro Mal. Portanto, Buffy reúne um exército formado por um conjunto de jovens mulheres que possuem predisposição e algum preparo para combater as manifestações de opressão do patriarcado.

No último episódio da série, o poder da caçadora é passado para todas as mulheres que eram potencialmente caçadoras, espalhadas pelo mundo. Em um primeiro momento, essa seria uma ação com uma finalidade prática e imediata, ou seja, as jovens caçadoras treinadas para o combate nos meses anteriores se tornariam caçadoras para lutar a batalha final. Contudo, em paralelo, ao redor do mundo mulheres que também eram caçadoras em potencial ganhavam aqueles mesmos poderes, superando eventuais limites físicos e resistindo à opressão e à violência sofridas no cotidiano. Em uma aproximação com as representações construídas pela série, ser “caçadora” seria, em certa medida, ser “feminista” e, por isso, avançar no nível de consciência e estar consciente e disposta a enfrentar a opressão imposta pelo patriarcado<sup>31</sup>.

Claro que, ao mesmo tempo, uma produção como essa tem seus limites. Um aspecto relevante tem relação com o fato de, ao se aproximar do feminismo, se dispor a manter essa rebelião nos marcos da dominação de classe capitalista e não lutar por uma efetiva emancipação da classe trabalhadora. Na série, Buffy e seus aliados “impõem uma resistência moderada, em vez de uma espécie de revolução”, na medida em que, por exemplo, “os temas anticapitalistas sempre foram

contrabalançados por outras tramas que mostram o dinheiro e os lucros sob uma luz muito mais positiva” (Pasley, 2004, p. 256). Outro elemento importante é a pouca diversidade de mulheres na série, afinal a maior parte são garotas brancas, magras, de cabelos lisos e de classe média. Contudo, qualquer eventual limite da série não deve ser motivo para desqualificá-la, na medida em que esses possíveis problemas não minimizam a força do conteúdo que expressa. Não se pode nunca esquecer que, “como caça-vampiros, Buffy é essencialmente uma lutadora (Milavec; Kaye, 2004, p. 182).

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buffy marcou a cultura contemporânea. Por um lado, a série colocou em cena de forma mais sistemática a criação de personagens autônomas e que enfrentam corajosamente seus medos, construindo uma protagonista cuja disposição “simboliza a luta contra a opressão imposta às mulheres” (Marinucci, 2004, p. 80). Por outro, levantou problemas comuns à juventude, que via nos diferentes personagens a representação e – em muitos casos – as possibilidades de soluções para os dilemas enfrentados.

Possivelmente muitas garotas, inspiradas pela postura de Buffy, passaram a se colocar de forma mais firme na esfera pública e a ter uma postura de enfrentar o patriarcado e o machismo. Como diria a própria Buffy, no último episódio da série: “a partir de agora todas as garotas do mundo que puderem ser Caçadoras serão Caçadoras. Todas que puderem ter o poder, terão o poder. Que puderem se erguer, irão se erguer. Caçadoras, cada uma de nós. Façam a escolha. Vocês estão prontas para serem fortes?”

---

<sup>31</sup> Neste ensaio, optamos por não aprofundar o debate acerca de correntes feministas ou das especificidades desse tema. Neste texto, em sentido amplo, nos referimos ao feminismo como um movimento de mulheres politicamente organizadas

em defesa de seus direitos e por melhoria de suas condições de vida. No caso da série, essas mulheres literalmente lutam por suas vidas.



## REFERÊNCIAS

ALEA, Tomás Gutiérrez. **Dialética do espectador**: seis ensaios do mais laureado cineasta cubano. São Paulo: Editora Summus, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC: Apicuri, 2016.

HIBBS, Thomas. Buffy, a Caça-vampiros como noir feminista. *In*: SOUTH, James; IRWIN, William (org). **Buffy, a caça-vampiros e a Filosofia**: medo e calafrios em Sunnydale. São Paulo. Madras, 2004.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

LIMA, Felipe; NASCIMENTO, Renato. O seriado “Buffy, a caça-vampiros” e a Modernidade Líquida. *In*: **XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte**, Belém, mai. 2014.

MARINUCCI, Mimi. Feminismo e ética da violência: por que Buffy sai na porrada. *In*: SOUTH, James; IRWIN, William (org). **Buffy, a caça-vampiros e a Filosofia**: medo e calafrios em Sunnydale. São Paulo. Madras, 2004.

MILAVEC, Melissa; KAYE, Sharon. Buffy desnuda: a solução de uma caçadora para o paradoxo de amor de Aristóteles. *In*: SOUTH, James; IRWIN, William (org). **Buffy, a caça-vampiros e a Filosofia**: medo e calafrios em Sunnydale. São Paulo. Madras, 2004.

MILLER, Jessica Prata. “O Eu no grupo”: Buffy e a ética feminista. *In*: SOUTH, James; IRWIN, William (org). **Buffy, a caça-vampiros e a Filosofia**: medo e calafrios em Sunnydale. São Paulo. Madras, 2004.

PASLEY, Jeffrey. Velhos vampiros conhecidos: a política do universo Buffy. *In*: SOUTH, James; IRWIN, William (org). **Buffy, a caça-vampiros e a Filosofia**: medo e calafrios em Sunnydale. São Paulo. Madras, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Expressão Popular, 2015.

SEABRA, Rodrigo. **Renascença**: a série de TV no século XXI. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

Como citar este artigo:

SILVA, Michel Goulart da. Buffy e as representações da mulher. **Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek**, Rio Grande, v.5, n.8, jan.-dez. 2023. p. 52-58.